

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
Teremos Sempre Michael Curtiz
1 e 21 de julho de 2025

JIMMY THE GENT / 1934

um filme de Michael Curtiz

Realização: Michael Curtiz / Argumento: Bertram Millhauser, a partir de uma história de Ray Nazarro e Laird Doyle / Fotografia: Ira H. Morgan / Montagem: Thomas Richards / Guarda-Roupa: Orry-Kelly / Direcção Artística: Esdras Hartley / Música: Vitaphone Orchestra, dirigida por Leo F. Forbstein / Interpretação: James Cagney (Jimmy Corrigan), Bette Davis (Joan Martin), Allen Jenkins (Lou), Alan Dinehart (Charles Wallingham), Alice White (Mabel Arthur Hohl), Phillip Reed (Ronnie Gateson), Hobart Cavanaugh (falso Worthingham), Mayo Methot (Gladys Farrell), Ralf Harolde (Hendrickson), Merna Kennedy, Nora Lane.

Produção: Warner Bros. (Estados Unidos da América) / Produtor: Robert Lord / Cópia: em 35mm, falada em inglês, legendada eletronicamente em português / Duração: 67 minutos / Estreia Mundial: 17 de Março de 1934, Estados Unidos / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.

AVISO: A projeção do filme envolve três curtíssimos momentos a negro, que correspondem a pontas entre as bobines, as quais não puderam ser cortadas para a projeção. A habitual "folha" original será escrita para a segunda exibição do filme.

Uma comédia situada no meio de *gangsters*. O protagonista é um burlão profissional, especialista em defraudar herdeiros de pessoas que morreram sem deixar testamento. Tem um rival, ainda mais inescrupuloso do que ele, mas cujas boas maneiras fazem-no passar por um homem honesto. O burlão e a secretária do seu rival apaixonam-se, mas ela recusa-se a casar enquanto ele não se emendar. No papel principal, James Cagney, especialista em papéis de *gangsters* muito duros, mas ator com recursos variados, contracena com Bette Davis, em período de ascensão profissional. Uma das muitas pérolas pouco conhecidas da produção cinematográfica dos anos 30.

*

Este é o filme perfeito sobre vigaristas, ou, segundo Andrew Bergman, "simplesmente a Grande Comédia Americana", onde o deslumbrante James Cagney avança "como um lobo faminto". Conhecendo o inglês fragmentado e superficial de Curtiz, provavelmente não conseguia compreender um décimo do discurso rápido de Cagney, mas isso deve ter contribuído para a compensação pela linguagem: Curtiz era exactamente a pessoa certa para acertar na pantomima da corrupção, bem como nos gestos gráficos e na linguagem corporal agressiva das ruas. O ambiente que cria já tem tudo o que **O Padrinho** nos poderia proporcionar, mais evidente na sua observação da linha inexistente entre o

crime e a desonestidade de um lado e os grandes negócios do outro, ou as barreiras de classe dentro do mundo do crime.

James Cagney interpreta um bandido de baixos rendimentos cuja ascensão social é uma lição sobre a cultura dos costumes e os detalhes da mecânica da fraude dentro da imagem cuspida da sociedade capitalista, isto é, a sua versão selvagem e a soberania do seu modo de vida. Ainda assim, por mais sombrio que o tema possa ser, especialmente no que diz respeito ao nível ético da sociedade, o filme está repleto de luz, sabedoria prática, energia e invenção. As pessoas em diferentes esferas da vida podem ser engrenagens de uma grande máquina, mas ainda assim possuem um ritmo e um movimento próprios, de uma forma que se tornaria quase impossível de imaginar após o breve e privilegiado momento pré-Código, quando o filme foi realizado.

Peter von Bagh, *Cineteca*, Jul., 2007.

Joan: He's got ethics.

Jimmy: I don't care if he has carbuncles. The only difference between him and me is he's got a smoother line.

Joan: Is that all?

Jimmy: Yeah, and a sharper knife and he sticks it between your fourth and your fifth rib and you don't know you're dead until you get home.